

Contos Pátrios: estudo sobre os nacionalismos em livros escolares na Primeira República (1889-1930)

Contos Pátrios: a study about nationalisms in school books during the First Republic (1889-1930)

Contos Pátrios: un estudio sobre los nacionalismos en los libros escolares durante la Primera República (1889-1930)

Luiz Costa Soares¹

Resumo: A pesquisa tem por objetivo estudar livros escolares de leitura que circularam entre os materiais disponíveis para formação de jovens durante a Primeira República (1889-1930). A obra analisada foi Contos Pátrios (para as crianças) (1906) de Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Netto (1864-1934), em que foi realizado um fichamento acerca dos seus 23 contos, lições morais, aprendizados e figuras. A obra apresenta descrições físicas do Brasil e desenhos de heróis, em contrapartida apresenta uma imagem repleta de um olhar colonizador sobre os indígenas e os negros. Baseado em Chartier (1988), a pesquisa questiona a criação do imaginário social de nação sob a ótica dos poderosos da república e reflete como isso atua e perpetua nas visões sobre os signos da pátria e a população negra e indígena.

Palavras-chave: Livros escolares de leitura; Primeira República; História da leitura.

Abstract: The research aims to study school reading books that circulated among the materials available for school education of young people during the First Republic (1889-1930). The analyzed book was Contos Pátrios (para as Crianças) (1906) by Olavo Bilac (1865-1918) and Coelho Netto (1864-1934), in which a study was carried out about its 23 tales, moral lessons, learning and figures. The work presents physical descriptions of Brazil and drawings of heroes, on the other hand, it presents an image full of a colonizing look at indigenous and black people. Based on Chartier (1988), the research questions the creation of the nation's social imaginary from the perspective of the powerful of the republic and reflects on how this acts and perpetuates in the visions about the signs of the homeland and the black and indigenous population.

Keywords: School books for reading; First republic; History of reading.

Resumen: La investigación tiene como objetivo estudiar los libros de lectura escolar que circulaban entre los materiales disponibles para la formación de los jóvenes durante la Primera República (1889-1930). La obra analizada fue Contos Pátrios (para as Crianças) (1906) de Olavo Bilac (1865-1918) y Coelho Netto (1864-1934), en la que se hizo un registro de sus 23 cuentos, lecciones morales, aprendizajes y figuras. La obra presenta descripciones físicas de Brasil y dibujos de héroes, por otro lado, presenta una imagen cargada de una mirada colonizadora sobre los pueblos indígenas y negros. A partir de Chartier (1988), la investigación cuestiona la construcción del imaginario social de la nación desde la perspectiva de los poderosos de la república y reflexiona sobre cómo este actúa y se perpetúa en las visiones sobre los signos de la patria y la población negra e indígena.

Palabras clave: Libros de lectura escolar; Primera república; Historia de la Lectura.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Introdução

A construção e a reelaboração de um sentimento unificado de nação passou por diversos momentos e intensidades ao longo da nossa história. O recorte temporal do presente trabalho olha para essa “construção” (ou reconstrução) durante a Primeira República (1889-1930) e o objeto de estudo é um livro escolar de leitura que circulou no período citado intitulado *Contos Pátrios (para as crianças)* (1906) de Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Netto (1864-1934). Sob a luz da abordagem de Roger Chartier (1988), a pesquisa visa entender como a leitura da obra em ambientes escolares contribuiu para a formação e construção de um imaginário social acerca de algumas das muitas características que viriam a definir o sentimento de nação e do seu pertencimento.

Desde quando somos uma nação? O que é pertencer? Em uma sociedade colonizada, é difícil definir um momento em que temos essa mudança de chave, mas é possível pensar em possibilidades, caminhos que objetivaram chegar a esse lugar. Pelo viés histórico político, é possível citar Afonso Arinos de Melo Franco quando ele diz que foi "no terceiro século de colonização que o Brasil, antes de ser Estado, transformou-se claramente em uma Nação" (FRANCO, 1975, p. 73).

Essa visão gradativa, mostra que a mentalidade do povo brasileiro passou por diversas influências que justificaram esse resultado. Na literatura, fica visível em diversas obras uma necessidade de se distanciar dos traços e amarras da coroa portuguesa e criar laços com os personagens heróis que habitavam e davam vida ao imaginário social em terras brasileiras. Como uma forma de documentar e mostrar quem faz parte do Brasil.

Quando olhamos os maiores teóricos acerca da nossa literatura, temos duas formas de entender esse processo de formação da literatura brasileira. Antônio Cândido afirma que é “com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais ilustrados que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura brasileira” (CÂNDIDO, 1969, p. 25). Para o autor, foi no decorrer do século XVIII que se configurou a literatura brasileira enquanto sistema articulado. Já Afrânio Coutinho lida com o marco temporal a partir da chegada dos Portugueses aqui. Essa chegada inicia a caminhada, essa tendência iniciou aí e caminhou até o seu ponto de “libertação” com a Proclamação da República.

A República, com sua 'capacidade de criar Brasil, dentro do Brasil', como assinalou Gilberto Amado, clareou a nossa consciência de ser brasileiros, fez-

nos captar a resposta autodefinidora, depois de um século de perguntas e pesquisas sobre o que era ser brasileiro, e quais as características da nacionalidade e da literatura nacional (COUTINHO, 1976, p. 11).

Esse debate não se encerrou e não começou com os debates entre os teóricos citados, contudo o recorte temporal da Primeira República nos assinala e mostra o movimento de autores que se esforçaram por ajudar a construir, por meio da leitura, esse ideário acerca da nação, da pátria, do ser brasileiro. Autores que produziram obras entre 1870 e 1914 foram responsáveis, não só mas também, pela modernização, atualização e unificação desse sentimento de pertencer à identidade nacional. Como nos apresenta a reflexão de Oliveira (1990, p. 189): “As propostas nacionalistas, sejam elas marcadamente políticas ou marcadamente culturais, tendem a se auto-atribuir uma missão salvadora, acentuando uma glória passada a ser resgatada, ou futura a ser construída”.

A obra que é objeto da presente pesquisa é chamada *Contos Pátrios (para as crianças)* (1906) e foi produzida a partir dos contos de dois autores. O primeiro é Coelho Netto (1864-1934), filho de um português e uma índia, republicano e abolicionista. Ao longo de sua vida se envolveu com o estudo do Direito, mas não concluiu o curso. Além de exercer vários cargos, Coelho Neto multiplicava a sua atividade em revistas e jornais, o autor foi um grande entusiasta da produção literária no Brasil. Nomeado para a cátedra de História do Teatro e para Literatura Dramática na Escola de Arte Dramática, em 1910. Nessa época, sua casa no Rio, na Rua do Rocio, tornou-se ponto de encontro de celebridades e artistas. Cultivou praticamente todos os gêneros literários. Deixou uma obra imensa e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil. Em 1928, foi eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros, num concurso realizado pelo O Malho. O segundo é Olavo Bilac (1865-1918), carioca, filho de um cirurgião do exército que só conheceu o pai quando retornou da Guerra do Paraguai. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, uma das mais famosas foi em favor do serviço militar obrigatório. É o autor da letra do Hino à Bandeira e fundou vários jornais como: A Cigarra, O Meio, A Rua. Bilac foi um dos poetas brasileiros mais populares e mais lidos do país, tendo sido eleito o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, no concurso que a revista Fon-Fon lançou em 1º de março de 1913. Os dois possuem muitas características em comum, além do fato de circularem pela mesma rede de sociabilidade da época.

Um livro escolar de leitura

O livro é composto por 23 contos infantis, desses contos temos 11 escritos por Coelho Neto e 12 produzidos por Olavo Bilac. Alguns contos possuem algumas ilustrações de apoio à leitura. No que tange ao recorte sobre os nacionalismos, temos: *A Fronteira* (Coelho Neto), *Um homem* (Olavo Bilac), *A Pátria* (Olavo Bilac), *O recruta* (Olavo Bilac), *A defesa* (Olavo Bilac), *O perna de pau* (Coelho Neto), *Pátria Nova* (Olavo Bilac), *A civilização* (Olavo Bilac). Acerca dos negros enquanto o foco da história temos os contos: *Mãe Maria* (Olavo Bilac), *O “cabeça de ferro”* (Olavo Bilac), *A borboleta negra* (Olavo Bilac) e *Uma vida...* (Coelho Neto). E contemplando a história dos indígenas o conto *Sumé* (Olavo Bilac) e uma citação no conto *O Bandeirante* (Olavo Bilac). Os contos restantes abordam costumes esperados, moral, civilidade e aprendizados nesse sentido.

Quando aborda o nacional, a "Pátria" e a história do Brasil, os contos tendem a uma unicidade, a máxima de: salve e proteja nossa pátria. Uma forma de entender as fronteiras, entender as relações de tensão e invasões, as guerras, o exército e de explicar a importância de quem foi para a guerra e defendeu o nosso país.

Figura 1: Ilustração presente no conto *A Fronteira* (p. 5)



Fonte: Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil

Já no primeiro conto, temos a história de um grupo de desconhecidos que se juntam para “defender” a fronteira. Apesar de estarem em menor número, eles vencem por dois motivos: o primeiro, é por conhecer as suas terras e se esconderem para o ataque ser perfeito e, o segundo, foi a união deles enquanto nação para defender algo que é de todos.

- As nossas vão ser tomadas: - disse o recém-chegado, antes mesmo de saudar o sertanejo. - Vim por essas mattas a todo o galope para ver se ainda chegava a tempo de prevenir-vos (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 5).

- então? Que havemos de fazer?
Armemo-nos (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 7).

- Elles ahi vêm: não ha tempo a perder! Se morrermos, todos os nossos corpos ficarão marcando a fronteira da Patria. [...] Falta-nos uma bandeira! (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 8).

Desanimados, os invasores recuaram, sempre atirando ao acaso, sempre perseguidos pelas balas dos que defendiam a terra da Patria, até que alcançaram os barcos e precipitadamente passaram à outra margem (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 10).

E a selva grande e venerada parecia applaudir os seus filhos valentes com a sua grande voz murmurar e constante. (...) - Viva o Brasil! -, contentes por haverem defendido a fronteira, da qual eram os guardas fieis, contra as mãos rapaces do estrangeiro (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 11)7.

Figura 2: Ilustração presente no conto *A Fronteira* (p. 9)



Fonte: Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil

Os contos seguintes seguem na mesma linha de aprendizado moral, fala da união, dos símbolos, do respeito, do amor à pátria e da defesa dela que depende de cada um de nós, os brasileiros.

Ficava horas inteiras contemplando as fardas do pae: e, à noite, deixando de estudar, fechando sobre a meza as suas grammaticas e os seus dictionarios, era elle o primeiro a pedir ao velho mais uma d'aquellas narrações que o embriagaram (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 71)

No caes, a multidão abria alas. E quando o batalhão estacou, quando se claou a musica, o povo prorompeo em vivas. À espera, perfilados, muitos officiaes, cujas fardas, cobertas de galões, brilhavam ao sol, examinavam a tropa disciplinada, bem disposta, garbosa no seu fardamento novo. De repente, a musica tocou os primeiros compassos do hymno nacional, agitou a bandeira brasileira, que estava no centro de um pelotão. A bandeira desdobrou-se, palpitou no ar, espalmada, com um meneio triumphal. Parecia que o symbolo da Patria abençoava os filhos que iam partir, para defende-la (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 98-99)

No fim, sempre encorajava, envolvia o tema heróico e forte aos que defendem a bandeira, a pátria, o amor pelo Brasil. Principalmente, usando personagens que viraram heróis ao defender a nação. É o caso do conto chamado *O perna de pau* em que o personagem vive sendo importunado pelas crianças até que ele consegue contar a sua história, narrar o motivo do seu corpo ser daquele jeito e a importância do seu ato para todos. A moral do conta apresenta que as crianças aprendem sobre a guerra e entendem o “sacrifício” que ele fez por todos eles.

Figura 3: Ilustração presente no conto *O perna de pau* (p. 210)



Fonte: Brasiliana da Literatura Infantil e Juvenil

- E que bicho era? perguntou o pequeno curioso.
 - A guerra, meu menino! - disse o invalido. - Foi na guerra que deixei a minha perna, e não me arrependo de ter ido, não me arrependo: fiz o meu dever, defendendo a minha Patria, e, quando voltei com o peito coberto de medalhas, ainda achei minha velha mãe que me abençoou (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 214)

No que envolve os negros como protagonistas dos contos, na obra temos quatro textos. Em *Mãe Maria* o tema é abordado em cima de uma cuidadora escravizada que se tornou uma mãe para o seu criado. Aqui o foco é a relação do filho da família com a sua escrava e sobre o seu apagamento. No fim do conto, ele acaba por perder os pais e vender as terras, mas não conseguiu saber para onde foi a sua “Mãe Maria”. Fala sobre essa relação do escravo, sobre o esquecimento tanto do passado até o conto quanto do que aconteceu depois da morte de seu pai. Sentimento tão comum nesse período e que reforça a importância dos laços, mesmo que em uma relação escravista, além de mostrar como os brancos se relacionam, de forma dependente em relação aos seus escravos.

Assim, a velha Maria foi a minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora edosa, prima de meu pae, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engommadas. - Boa mãe Maria! era ella quem me lavava, quem me vestia, quem me aturava... (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 19-20)

Figura 4: Ilustração presente no conto *Mãe Maria* (p. 21)

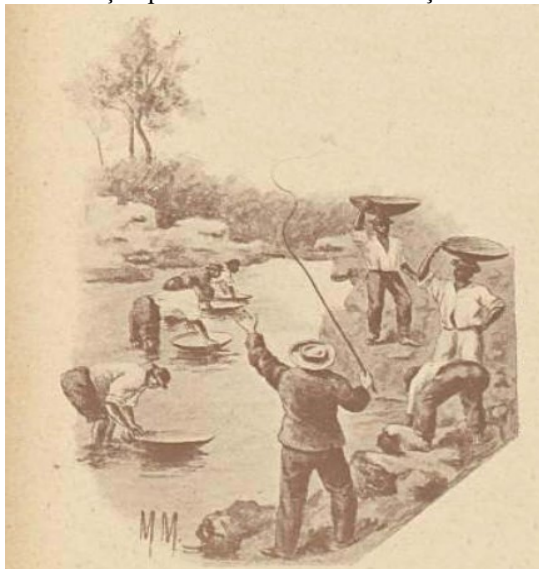


Fonte: Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil

Em *O Cabeça de Ferro*, a figura do escravo é apresentada como mão de obra de garimpeiros. São os que mais sofrem penas quando acusados de contrabando, eles são mortos e expostos para servir de exemplo por suas atitudes erradas. Uma forma de reforçar o caráter

descartável de quem se rebela e não obedece. Eles são a representação e vivência do que pode acontecer com quem erra, são a vitrine dessa atitude.

Figura 5: Ilustração presente no conto *O Cabeça de Ferro* (p. 52)



Fonte: *Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil*

Os escravos suspeitos eram condenados à morte, sumariamente. Não se abriam devassas. Não se admitiam defezas. Bastava uma simples desconfiança, bastava uma simples denúncia. Alguns, amarrados a troncos de árvores, eram surrados até morrer; outros acabavam crivados de balas; outros expiraram de fome, no fundo de masmorras sem ar (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 53-54).

Figura 6: Ilustração presente no conto *O Cabeça de Ferro* (p. 52)



Fonte: *Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil*

A borboleta negra conta a história de um menino negro abandonado na floresta e que acaba sendo adotado por uma família branca. O autor aborda aqui como os brancos têm a “chance” de fazer o bem, de catequizar e cuidar de um ser. Além disso, mostra crianças tomando

papel de adultos na hora de levar a criança para casa, tomando decisões. Uma forma de mostrar a capacidade crítica desenvolvida e como podem ajudar outras pessoas.

É uma creança recém-nascida que está dentro de flanela; é uma creancinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor, sentada no chão, põe no collo a creaturinha de pelle preta, e começa a emballal-a, já com a seriedade de uma mulher feita: - Coitadinha! Coitadinha! (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 134).

Figura 7: Ilustração presente no conto *A borboleta negra* (p. 134)



Fonte: Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil

Henrique, muito serio, está de pé. Henrique é um homem... Só tem 9 annos, mas é um homem! e um homem não deve chorar... Mas Henrique está chorando, olhando a creancinha preta que vage de manso, no collo da irmã (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 134-135).

- Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! fizeram bem! o pão da nossa pobreza sempre ha-de chegar para mais um filho.
E tomou nos braços a creancinha negra, unica borboleta que Henrique, Leonor e o Leão caçaram nesse dia (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 133).

Em *Uma vida*, o conto fala de pai João. Um velho preto que de tão velho quase não podia andar. Ele é um trabalhador da terra que envelheceu com uma enxada na mão. Após muitos anos de trabalhos em fazendas, ele ganhou o seu espaço para descansar. Da sua terra ele via as fazendas, as movimentações e começava o seu dia logo cedo tomando sol na porta de casa. O conto nos mostra a sua história de escravo a homem livre e de como ele era grato por, apesar de tudo, ter tido uma “boa vida”. O seu privilégio era ter sido “premiado” pelos fazendeiros bons e ter direito à terra em que viveu o resto de sua vida: “Toda a gente soffre nesta vida, moço: mas outros soffreram mais do que eu... É por isso que não me queixo! Deus nosso senhor não quiz que eu acabasse os meus dias na miseria, sósinho, sem ter quem me dêsse

um pedaço de pão, e quem me fechasse os olhos na hora da morte” (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 258).

A temática que envolve a cultura indígena se apresenta em dois contos, uma citação aparece em *O Bandeirante* e remete o povo originário à brutalidade, como seres que vão contra o progresso dos Bandeirantes e são responsáveis por inúmeras e inúmeras batalhas contra eles.

Figura 8: Ilustração presente no conto *O Bandeirante* (p. 154)



Fonte: Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil

A terra virgem do Brasil já dava muito ouro e muitos diamantes: mas ninguém arrancaria ainda do seu seio as bellas e preciosas pedras verdes, que Fernão Dias Paes Leme ia procurar, arrostando todos os perigos.

Perigos de toda a sorte! ... As florestas estavam cheias de fêras: porém, maior ainda do que a d'ellas, era a ferocidade dos índios brutos (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 153-154).

Eram homens que essa vida tornara semi-barbaros: convivendo com os animais ferozes e com os índios antropofagos, entendendo e falando os idiomas de varias tribus, acostumados a não temer a odiosidade dos povos indomaveis e as inclemencias da natureza primitiva da America, tinham ficado corajosos como esses povos, rijos e primitivos como essa natureza (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 155-156)

O olhar do autor se volta somente aos aspectos negativos ligados à natureza dos povos originários. Palavras como brutalidade, ferocidade eram sinônimos dos povos, de acordo com a obra. O segundo conto, ligado a essa temática, aborda uma lenda em torno dos povos Tamoios. Segundo o conto, esse povoado não dominava a agricultura, o plantio e Sumé, uma espécie de

Deus chega para ensinar eles a lidar com a terra e o plantio. Dessa forma, eles deixam de ser tão “selvagens” e passam a ter gratidão aquela figura externa, branca, que anda sob as águas.

Era Sumé, enviado de Tupan, senhor do céu e da Terra. E Sumé operava prodigiosos nunca vistos. Diante d’elle, os mattos mais cerrados se abriam por si mesmos, para lhe dar passagem: a um aceno seu, calmavam-se os ventos mais desencadeiados: quando o mar furioso rugia, um simples gesto da sua mão lhe impunha obediência. A sua presença fazia abaterem as tempestades, cessarem as chuvas, abrandar as séccas. (...) E os Tamoios, cativos da sua bondade, conquistados pelo assombro dos seus milagres, tomaram Sumé para seu conselheiro (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 166-167).

Mandou Sumé que desbastassem a terra, e tivessem, para destruir os mattos fechados, a mesma bravura e o mesmo vigor que tinham para destruir as hostes dos inimigos. Ordenou-lhes depois que amanhassem o solo, e, dando-lhes sementes varias, disse-lhes que as lançassem sem conta sobre o seio da grande mãe assim preparado (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 170).

Figura 8: Ilustração presente no conto *Sumé* (p. 174)



Fonte: *Brasileira da Literatura Infantil e Juvenil*

Desde aí, esse povoado fica sob domínio desse homem branco. O que gera um conflito interno entre as tribos e faz com que eles expulsem o Sumé. Cresceu o rancor e ódio por seu domínio e assim o Santo Sumé foi flechado ao sair de sua cabana. Sumé sorri ao receber as flechas e caminha em direção ao mar. “Quando chegou à praia, entrou pela agua, cresceu sobre ella, sobre ella se equilibrou, e, sorrindo, sem amaldiçoar os ingratos a quem dera fartura” (BILAC; COELHO NETO, 1906, p. 175). Além de tirar uma característica real dessa tribo, em que as mulheres cuidavam do plantio e os homens da caça e pesca, o autor os coloca em um lugar de ingratidão, de brutalidade mesmo com quem só os ajudou, como é a figura de Sumé.

A leitura de formação dos jovens na Primeira República

O presente estudo propõe o diálogo com os argumentos apresentados no âmbito da Nova História Cultural. A noção de representação de Roger Chartier (1988), compreendida aqui como as classificações e exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço, em que essa noção é concebida como norte da referida abordagem historiográfica.

A análise e reflexão desse conceito torna possível articular três modalidades de relação com o mundo social: “o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos”; “as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”; e “as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de formas visíveis e perpetuadas a existência do grupo, da classe ou da comunidade”, de acordo com o autor (CHARTIER, 1988, p. 23), que acrescenta:

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1999a, p. 9).

As representações do mundo social, embora objetivem uma visão universalizada e tenham como base a razão, serão sempre determinadas pelos grupos que possuem poder e direcionam esforços para construir e criar essa realidade. As percepções sociais são entendidas como resultado de estratégias de conteúdo que reforçam esse imaginário idealizado, assim como os contos apresentados na obra estudada, em que os símbolos apresentados nos textos visam legitimar, justificar e criar admiração ao sentimento nacionalista que o projeto político da época impôs à sociedade. Assim também, dialoga e constrói uma visão distorcida e preconceituosa acerca de uma parcela relevante da população: De acordo com Chartier (1988, p. 26) “A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das

interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

A produção literária, as estratégias e práticas escolares visam impor a autoridade do poder da época com o intuito de legitimar o seu projeto reformador e modernizador para os próprios indivíduos. Para além do nacionalismo, o livro escolar de leitura de Coelho Neto e Olavo Bilac traz contos acerca de criar sentimentos, criar um imaginário social, comportamentos e atitudes esperadas. Segundo Chartier (1988, p. 17), “supõe-nas como estando sempre colocadas em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”.

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. Eis por que deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada. Uma história da leitura, não deve, pois, limitar-se à genealogia única de nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem, também e sobretudo, a tarefa de encontrar os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. Essa iniciativa é muito importante, pois revela além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje (CHARTIER, 1999b, p. 16-17).

Segundo os estudos de Chartier (1999b), acerca de práticas de leitura, a vemos como uma prática cultural que perpassa por vários momentos históricos e sociais. Ou seja, existem diferentes maneiras de se ler, de se apropriar dos materiais culturais e também de veicular e circular esses conteúdos. Quando em ambientes escolares, precisamos ter o cuidado de entender como isso se configura no intelecto dos estudantes impactados, em como essa visão de poder reverbera e ecoa formulações e pré conceitos enraizados em nossa sociedade. O poder que essa obra exerceu em uma geração, juntamente com outras obras da mesma linha, possivelmente, foram um dos braços responsáveis por formular no inconsciente coletivo a forma como a sociedade enxerga e defende os personagens “reais” presentes na obra. Uma questão prática aqui é pensar como inserir, por meio desse método, valores que condizem com nossa era social. Visto que quando olhamos para o passado, podemos escrever um futuro melhor, mais amplo e que contemple mais realidade, respeito e diversidade. Pois se a história do povo negro e dos povos originários são reduzidas a essas atitudes, como a obra apresenta em seus contos, os jovens e crianças que foram impactados por esse livro escolar de leitura podem ter a chance de

não conseguirem expandir o olhar sobre a ocupação, sobre a escravidão e sobre todos os horrores que vários grupo passaram e passam até hoje no que tange a história do Brasil. O presente estudo quer mobilizar questionamentos acerca das construções representativas e seus impactos na construção social dos brasileiros no período. Desvalorização da cultura indígena e preconceito racial são temas sensíveis que podemos ver sendo introjetados no imaginário social da população impactada na época. Bem como o olhar de proteção da pátria, de amor aos símbolos nacionais que não passam pela verdadeira construção e análise do que foi de fato, como por exemplo o impacto real da Guerra do Paraguai (1864/1870) representada na obra.

Referências

- BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães; COELHO NETTO, Henrique Maximiano. **Contos pátrios (para as crianças)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. 3. ed. São Paulo, Martins, 1969.
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Brasília, Pallas, INL, 1976.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: EUB, 1999a.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999b.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Problemas políticos brasileiros**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6802/129.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Sobre o autor

Luiz Soares: Bacharel em Comunicação Social e atual graduando de Letras: Português e Literaturas ambas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) intitulada Livros Escolares de Leitura na Primeira República Brasileira: uma morfologia (1889-1930) sob orientação da Profª Drª Márcia Cabral da Silva (UERJ).
E-mail: luiz.soares.uerj@gmail.com

Recebido em: 09 jul. 2023
Aprovado em: 16 mar. 2024